

Insegurança próspera: As vidas dos migrantes brasileiros no Suriname

Marjo de Theije¹

Resumo

Desde 1997 um número estimado de 30.000 Brasileiros migrou para Suriname, onde agora constituem pelo menos 5% da população total, o que faz dela um fator importante para a sociedade surinamense atual. Neste artigo darei uma descrição geral resumida da migração dos brasileiros para o Suriname, a maioria deles como garimpeiros, mas cada vez mais para se estabelecer na capital Paramaribo, e um pequeno esboço introdutório das circunstâncias nas quais eles vivem, enfocando o papel de segurança humana nas dinâmicas sociais, culturais e econômicas desta comunidade em construção. Em seguida, tentarei esclarecer os motivos de essas pessoas irem para o Suriname e como elas constroem as suas vidas no país que os recebeu, focalizando as opções e escolhas pessoais desses migrantes através da lente da segurança humana. Os laços com o

¹ Marjo de Theije é Professora Adjunta no Departamento de Antropologia Social e Cultural da Vrije Universiteit em Amsterdã, Holanda. Ela publicou sobre catolicismo liberacionista no Brasil, catolicismo carismático e gênero nos estudos de religião contemporânea, tanto em português como em inglês. Sua tese de doutorado foi traduzida e publicada sob o título *Tudo o que é de Deus é bom* (Recife: Massangana, 2002). Em 2001, ela foi professor visitante na UFPE.

Brasil continuam muito importantes e isso influencia a percepção de cidadania e fronteiras geográficas e políticas. Em conclusão, retornarei ao tema da construção de comunidade.

Palavras chave: migração, comunidade, segurança humana, Suriname, garimpeiros.

Abstract

Since 1997 an estimated 30.000 Brazilians have migrated to Suriname and they now constitute about 6% of the total population, which makes this an important influx for Surinamese society. The majority came as gold prospectors, and they live and work in the Amazon forest, but increasingly migrants are settling in Paramaribo, the capital of the country. I will describe the development of this new population in Paramaribo, their motives to come to Suriname and clarify their personal options and choices, concentrating on the role of human security in the social, cultural, and economic dynamics of this community under construction. The link with the Brazilian homeland is extremely important for the migrants and I will discuss the meanings of citizenship and geographical and political borders in this context. Finally I will return to the question of community construction.

Key words: migration, community, human security, Suriname, gold prospectors.

Introdução

As Guianas são um canto esquecido da América Latina. Guiana, Suriname e Guiana Francesa formam relativamente uma *terra inógnita* a partir da perspectiva do resto do mundo, e também do seu maior vizinho, o Brasil. Agora, essa desconsideração está começando a mudar, pelo

menos no que se refere a este último país, já que na última década dezenas de milhares de brasileiros entraram nas três Guianas em busca de trabalho e uma vida melhor numa corrida de ouro sem precedentes. Em todos os três países o número de migrantes não é conhecido, tendo como base apenas as estimativas, mas ao todo podem existir até 100.000 brasileiros trabalhando e vivendo nas três Guianas². Neste estudo me concentrarei no Suriname, para procurar compreender como comunidades de migrantes são formadas – e o que seria ‘comunidade’ nesse contexto – partindo das discussões atuais sobre transnacionalismo e segurança humana.

No Suriname, o número de brasileiros ficou modesto e amplamente ignorado até pelo menos 1985, quando o influxo de garimpeiros começou a fazer seu número crescer consideravelmente. Eles primeiramente só se estabeleceram na floresta, e após 1995 de modo crescente também na capital Paramaribo. A maioria das pessoas considera 1997/1998 como o início da formação da comunidade brasileira em Paramaribo. Foi então que supermercados começaram a vender produtos brasileiros, e os brasileiros abriram lojas vendendo equipamento para as atividades de mineração, bares onde os garimpeiros poderiam beber e comer, e hotéis onde eles poderiam ficar enquanto estivessem na cidade. Hoje em dia, uma parte do bairro Tourtonne é conhecida como Belenzinho ou Klein Belém (em holandês, a língua de Suriname) – a forma diminutiva de Belém, a capital do estado do Pará, no norte do Brasil. Esse nome não é exagero nenhum porque o visitante pode se imaginar como se estivesse

² Estimativas para o Suriname oscilam em torno de 40.000, para a Guiana Francesa 20.000, e Guiana 30.000 (ver Arouck 2000; Hoogbergen & Kruijt 2004; mas também Roopnarine 2002:87; Simonian and Ferreira 2006). O censo de 2004 em Suriname também se limita a uma estimativa, porém chega a um número mais modesto: 20.000 (Algemeen Bureau voor de Statistiek 2006).

no Brasil em algumas ruas, com todas as placas em português e os produtos brasileiros a venda.

Foi esse aparecimento do ‘Brasil no Suriname’ que primeiramente atraiu minha curiosidade e incitou a pesquisa na qual atualmente estou envolvida. A história muito curta dessa população parecia oferecer uma oportunidade excelente de estudar como comunidades são formadas, dentro das discussões atuais das ciências sociais a respeito do transnacionalismo. A peculiaridade desse fluxo de migrantes, assim como a composição específica da sociedade que os recebe, prometeu oferecer uma ocasião para trazer à luz as sementes de construção de comunidade. Em primeira instância procurei entender a situação dos brasileiros em Paramaribo por uma análise de formas de organização e concluí que eles criaram uma comunidade que é predominantemente voltada para sua terra natal, como consequência das perspectivas temporárias, do fato que muitos deixaram suas famílias no Brasil, das dificuldades com os idiomas do Suriname, da sua situação irregular no país, e da insegurança e instabilidade que isso gera (Theije 2006).

Neste artigo vou tratar novamente da questão de formação de comunidade em Paramaribo e na área de mineração na floresta tropical, entretanto tomando outra perspectiva. Na antropologia contemporânea, a noção de segurança humana³ – definida em termos gerais como abrangendo os lados físico, político, econômico e social da segurança, como também suas formas existenciais, culturais e religiosas – tornou-se um enfoque central para entender as consequências da globalização. Segurança sempre está relacionada com conceitos semelhantes como certeza e com noções opostas como insegurança, incerteza ou violência (Anthropology 2003). Implícita ou explicitamente, em análises sociais

³ O termo segurança humana foi introduzido pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) nos anos 1990 e foi definido como “freedom from fear and freedom from want” (Security 2003).

‘comunidade’ está relacionada com segurança e seguridade (Eriksen 2005). No entanto, a segurança de uma pessoa pode ser a insegurança de outra, e a noção de segurança é culturalmente construída (Anthropology 2003). Por isso, vou usar neste artigo a visão de segurança como uma ferramenta analítica para reconsiderar os motivos dos migrantes brasileiros de ir a Suriname e conseguir *insights* na formas como eles dão contornos a suas vidas em Suriname. Esta visão focaliza como as pessoas constroem segurança humana em suas próprias vidas, na prática e nos discursos. Quando supomos que a necessidade de segurança é fundamentalmente humana, as ações dos migrantes brasileiros no Suriname parecem estar em contradição com essa afirmação, já que a maioria deles deixou uma situação de segurança e certeza relativa para uma vida num país desconhecido, onde eles não têm renda segura, onde eles vivem em circunstâncias bastante precárias e estão numa posição muito vulnerável em termos de saúde e direitos civis. Refletindo dei-me conta de que teria que prestar mais atenção do que prestei na análise anterior à natureza da mineração de ouro. Os brasileiros que moram em Paramaribo podem não estar todos envolvidos diretamente na mineração de ouro, mas as suas ocupações estão, em muitos casos, de uma forma ou de outra, relacionadas à presença dos garimpeiros brasileiros no país. A situação e cultura dos mineradores, portanto, são também formativas da comunidade na capital em grande escala.

Primeiro, apresentarei uma descrição geral resumida da migração dos brasileiros para o Suriname, e um pequeno esboço introdutório das circunstâncias nas quais eles vivem. Em seguida, tentarei esclarecer os motivos de essas pessoas virem para o Suriname e como elas constroem as suas vidas neste país que os recebeu enfocando nas opções e escolhas pessoais desses migrantes através da lente da segurança humana. Em conclusão, retornarei ao tema da construção de comunidade.

Garimpeiros e outros migrantes

Em 1980 a descoberta de uma mina grande de ouro na Serra Pelada, na Amazônia brasileira incitou uma corrida do ouro que no final das contas produziu 90.000 quilogramas de ouro de um único poço aberto (Veiga 1997). Quem não se lembra do 'formigueiro' de homens cobertos de lama retratado de forma tão bela e com tanta compaixão nas fotografias de Sebastião Salgado? Da Amazônia, a febre se estendeu para os países vizinhos como a Venezuela, a Guiana, a Guiana Francesa, e o Suriname e causou uma renovação da garimpagem. O aumento do preço do ouro desde os anos 1970, a deterioração da economia e a guerra civil nos anos 80 no Suriname⁴, em combinação com o fechamento de vários locais de mineração na Amazônia brasileira para os garimpeiros independentes levou conseqüentemente ao influxo de dezenas de milhares de mineradores brasileiros para o Suriname.

A explosão da produção no Suriname ocorreu entre 1995 e 1998, enquanto a produção estimada reportada aumentou de 10.000 quilos em 1995 para 20.000 em 1998 e 1999 (Mol et al. 2001:184)⁵. Isso coincide com o começo do desenvolvimento do Belenzinho em Paramaribo, ao

⁴ Em 1986, os quilombolas, remanescentes dos escravos fugitivos que formam seis povos distintos no Suriname atual, somando a 10% da população do país, se revoltaram contra o governo militar, e um tratado de paz só foi assinado em 1992. A revolta causou uma severa ruptura da vida social e econômica dos quilombolas e o deslocamento de 10,000 do Suriname para a Guiana Francesa, no outro lado do rio Maroni, onde muitos deles ainda moram (Kruijt and Hoogbergen 2005:203). Como o Jungle Commando (Comando da Selva) precisava de uma fonte de renda, estimulou a mineração de ouro. Hoje o ouro substituiu a moeda corrente em grandes áreas do interior do país, como também dólares americanos e euros (Kruijt & Hoogbergen 2005:205).

⁵ Segundo Mol et al. (2001:184) apenas 30% da produção de ouro do Suriname é documentada, enquanto a maior parte está sendo vendida e exportada ilegalmente.

qual a maioria de brasileiros que entrevistei sugeriu 1997-1998 como data. Na floresta tropical do Suriname, garimpeiros brasileiros compõem 75% dos mineradores, o outro quarto sendo quilombolas (Heemskerk 2002:331). Os quilombolas são também os proprietários da terra, e controlam o acesso de entrada e de saída dos territórios mineradores, os quais são freqüentemente escondidos dentro da floresta e onde só se pode chegar através de vários dias de viagem de barco. Os quilombolas e os brasileiros se dão bem, ao ponto de que Kruijt & Hoogbergen (2005) chama essa sociedade de multicultural e pacífica. Os garimpeiros introduziram novos métodos de mineração, trouxeram equipamentos à área, e compartilharam seu conhecimento com a população local⁶. Os quilombolas se beneficiam das atividades mineiras dos brasileiros, porque eles pagam o transporte e o uso da terra, e também os impostos informais às autoridades locais (Heemskerk 2002, 2003; Kruijt & Hoogbergen 2005).

Garimpagem é trabalho braçal muito pesado. A mineração no Suriname normalmente ocorre em pequenas equipes de trabalho de quatro a oito homens que fazem a mineração em si, uma cozinheira, e um homem que é o proprietário das máquinas ou supervisor e organiza o trabalho. Todos os garimpeiros com quem eu falei em Paramaribo disseram que trabalharam por uma porcentagem da produção, normalmente dez por cento; porém às vezes homens também trabalham por um salário fixo. Um local de trabalho é chamado de barranco e já que os barrancos estão freqüentemente a uma grande distância de qualquer vila, as pessoas também moram ali, às vezes em acampamentos com os trabalhadores de outros barrancos vizinhos. Somente os assentamentos maiores, próximos às vilas, tais como Benzdorp no rio Lawa, ou perto do lago Brokopondo,

⁶ Para descrições esclarecedoras dos métodos utilizados, ver (Cleary 1990; Heemskerk 2001, 2002, 2003; Schmink & Wood 1992; Slater 1994).

têm uma estrutura que oferece mais serviços como lojas, bares, e os assim chamados cabarés, e também serviços médicos e religiosos.

De vez em quando garimpeiros precisam ir a Paramaribo. Lá eles compram equipamentos, maquinaria, mercúrio, combustível, rádios de ondas curtas, comida, roupa, e também recebem tratamento médico. Eles vão para a capital também para vender seu ouro, recuperar-se de malária, e para descanso e divertimento. Os mineradores mais estabelecidos e prósperos talvez tenham uma casa em Paramaribo, em caso contrário eles ficam com amigos ou família, ou num dos inúmeros hotéis disponíveis, especialmente em Norte Paramaribo, onde se situa Belenzinho. Lá eles também encontram as lojas cheias de produtos brasileiros, restaurantes servindo comida brasileira e os bares vendendo cerveja brasileira, onde eles são cumprimentados em português. Em Paramaribo eles também lidam com problemas burocráticos, freqüentemente com a ajuda de um dos muitos mediadores disponíveis, seja do Suriname ou brasileiro. Para os brasileiros que moram em Paramaribo mais permanentemente, Belenzinho é também a área onde eles passam a maior parte do seu tempo, principalmente porque muitos trabalham nas lojas, restaurantes e bares (inclusive os clubes e cabarés) que fornecem todos os serviços à comunidade brasileira. Mas, também porque eles geralmente interagem pouco com os surinameses, como eles mesmos dizem, porque não falam suficientemente os idiomas locais. Aproximadamente 300 mulheres brasileiras estão envolvidas na indústria do sexo, e muito mais trabalha como cozinheira no garimpo. Já na cidade, tendo migrado com o propósito de trabalhar nas lojas e restaurantes, etc., elas dirigem as estações de rádio de ondas curtas que mantêm o contato com os garimpeiros na floresta, estabelecem lavanderias e salões de beleza, e vendem as rou-

pas que elas importam do Brasil, embora esse trabalho paga menos que trabalhar no garimpo como cozinheira⁷.

Escolhas pessoais em tempos de insegurança e incerteza

Por que todos esses brasileiros vêm para o Suriname? Quais são as suas expectativas e o que eles encontraram?

Ouro e mosquitos

Mineradores de ouro esperam se tornar ricos um dia. Como explicou o gerente de uma empresa de compra de ouro: “Na verdade, todo mundo está aqui para vir, trabalhar, arrumar um capital e voltar para o Brasil”⁸. Porém, muitos migrantes nunca encontram as riquezas esperadas, e têm que se esforçar muito para ganhar a vida através de atividades de mineração. Nos primeiros anos ainda era relativamente fácil encontrar muito ouro, mas agora meus informantes concordaram que “[...] esse ouro fácil, que está na porta de casa, perto da cidade, que não tem tanto trabalho para você retirar ele, esse ouro está acabando”, como disse Pedro⁹. Para encontrar o ouro agora, têm que explorar mais, investir em meios de transporte e maquinaria, e trabalhar mais para extraí-lo da terra. Para garimpeiros isso é mais difícil do que para as empresas

⁷ Uma pequena parte dos brasileiros no Suriname se estabeleceu por razões outras que a corrida de ouro recente. Ver Theije (2006) para mais detalhes.

⁸ Augusto, 9 anos no Suriname. Entrevista realizada em 2 de abril de 2005.

⁹ Pedro, dono de máquinas, 8 anos no Suriname. Entrevista realizada em 20 de março de 2005.

grandes às quais são dadas concessões na floresta do Suriname, porque seus métodos são diferentes. “Ele [o garimpeiro] pesquisa minerando. Esse é que o mal do garimpeiro em si. Ele não chega a todo lugar para pesquisar antes. Ele leva o maquinário dele lá e se deu certo, parabéns, e se não deu o prejuízo fica com ele.”¹⁰ Eles não sabem antes de fato se um certo lugar dará retorno o suficiente para recompensar todos os custos das máquinas, combustível e mão-de-obra. Heemskerk, num estudo dos quilombolas do Suriname trabalhando numa garimpagem, também afirma que a renda variável causa muita incerteza econômica (2003:267).

Há um fator de risco importante que diz respeito à saúde dos garimpeiros, e todos os outros morando nos acampamentos de mineradores de ouro. As instalações sanitárias em geral não são boas, existe falta de água limpa, e a alimentação é muitas vezes insuficiente – embora todos os garimpeiros tenham dito que é muito importante comer bem quando se tem que trabalhar tanto. O trabalho é pesado e insalubre; os homens ficam em pé na água embaixo do sol candente até 12 horas por dia. Eles também trabalham com mercúrio, para separar o ouro da terra, conhecido por seus efeitos danosos tanto à saúde humana e ao meio-ambiente. Todas as pessoas que eu perguntei me falaram que freqüentemente ficavam doentes de malária. Além do mais, Heemskerk (2003:275) relata que os trabalhadores de poços sofrem desproporcionalmente mais acidentes com as máquinas utilizadas em mineração. Além do sofrimento emocional e físico devido a problemas de saúde, doenças ou ferimentos também fazem com que as pessoas não possam trabalhar e, portanto, não têm renda. E, “no Suriname,” diz-me Nalda, uma brasileira casada com um surinamês, “se você tiver um pouco de dinheiro, você come, mas se

¹⁰ Idem.

você não tiver passa fome.”¹¹ Nenhum ouro é nenhum dinheiro, e muitos garimpeiros aparentemente não têm nenhuma poupança a qual possam recorrer nas horas de aperto. Durante vários anos, Nalda dirigiu um centro de recepção informal na sua casa, onde garimpeiros podiam dormir e comer de graça enquanto estivessem em Paramaribo, e às vezes mais de quinze garimpeiros de uma vez ficavam com ela e sua família. Porém, essa caridade é muito excepcional, e não existe nenhuma instituição mais formal que fornece esse tipo de ajuda¹².

Clandestino, sem documentos

A maioria dos brasileiros no Suriname não possui os documentos corretos para ficar no país. Muitos entram simplesmente atravessando o rio Maroni da Guiana Francesa para o Suriname, e aqueles que têm passaporte, não renovam o visto (de turista) que recebem ao entrar no país no aeroporto internacional Johan Adolf Pengel, ou numa das cidades da fronteira. Segundo o Consulado Brasileiro em Paramaribo, a suposta natureza dos garimpeiros é que - “São como nômades,”¹³ - e o fato de que têm que lidar com muitos outros problemas e, portanto, não têm tempo para preocupar-se com os seus documentos e direitos legais, gera uma situação de ilegalidade. Muitos dos brasileiros nas Guianas estão constantemente mudando de um barranco para outro, inclusive cruzando as fronteiras entre a Guiana Francesa, o Suriname, e às vezes a Guiana também, e eles podem “esquecer-se” do trabalho de documen-

¹¹ Nalda, 18 anos no Suriname, casado com Surinamês. Entrevista realizada em 21 de março de 2005.

¹² Idem.

¹³ Sr. Bona, vice-cônsul. Entrevista realizada em 8 de março de 2004, na embaixada em Paramaribo.

tação. No Suriname, os donos de lojas e às vezes os trabalhadores das grandes empresas de mineração, assim como as trabalhadoras na indústria do sexo, legalizaram as suas situações, mas eles compõem menos de dez por cento da população total de nacionalidade brasileira no Suriname¹⁴.

Antes, os garimpeiros podiam comprar um visto de trabalho (“cartão azul”) por US\$ 200; que valia durante um ano e podia ser renovado dando a eles o direito de trabalhar no país e de ter uma empresa. No entanto, o governo do Presidente Ronald Venetiaan, o qual está no poder desde 2000, abandonou essa política sem substituí-la com outra forma de regulamentação. Como consequência, os migrantes recebem apenas um visto ao chegar, o qual é renovável somente ao sair e reentrar no país, um método que nem sempre é considerado viável pelos garimpeiros na floresta, já que implicaria uma viagem longa, gastando dinheiro e ficando sem trabalhar. Outra maneira de legalizar-se é solicitar um visto de trabalho, mas para isso precisa-se de um contrato de trabalho, o qual os garimpeiros não têm. Quando o Presidente Venetiaan, junto com oito ministros do governo surinamês, visitou o líder brasileiro Luis Ignácio da Silva em julho de 2003, o ‘problema’ dos brasileiros morando no Suriname já foi um tema importante na agenda. Entretanto, somente no final de 2004 conseguiram chegar a um acordo sobre a legalização dos trabalhadores brasileiros no Suriname, embora o parlamento do Suriname ainda tenha que aprovar a nova lei. Uma visita curta ao Suriname pelo presidente brasileiro em fevereiro de 2005 foi interpretada pelos brasileiros no país como um passo final na introdução de um processo de legalização, mas até maio de 2006 o acordo ainda não tinha sido colocado em prática (veja também De Randamie 2005).

¹⁴ Essa informação veio através de uma entrevista com o então embaixador Ricardo Luiz Viana de Carvalho e a (nova) vice-cônsul Verônica Reis, 11 de março de 2005, na embaixada em Paramaribo.

Migrantes brasileiros reclamam que é a burocracia do Suriname que cria esse problema para eles. Eles se sentem vulneráveis com os malfeitores, criminosos e policiais corruptos, e colocados numa posição de cidadãos sem direitos¹⁵. Boatos sobre a polícia invadindo pensões e cabarés para verificar documentação e prender brasileiros ilegais ocorrem repetidamente¹⁶. Às vezes o migrante ilegal pode pagar para se livrar do problema, mas há acusações também de que pessoas estão sendo deportadas¹⁷. Outros enfatizam que não é impossível conseguir uma situação legalizada, mesmo que a burocracia do Suriname seja difícil de enfrentar¹⁸. A realidade é que viver sem documentos torna os brasileiros vulneráveis. Quando são vítimas de um crime, por exemplo, ou envolvidos num conflito com os quilombolas, têm medo de chamar a polícia porque

¹⁵ De Genova (2002:439) observa que “a ‘ilegalidade’ dos migrantes é uma identidade preeminente política” já que é um resultado de leis de imigração, através das quais ‘não documentados’ são negados direitos humanos fundamentais e muitos benefícios rudimentares.

¹⁶ Entre outros, Irmã Judith Mawo, uma freira da igreja católica do Suriname que viveu no Brasil durante vários anos, em entrevista concedida em 2 de março de 2004; e Suely, brasileira trabalhando no garimpo, em entrevista 20 março 2005.

¹⁷ Eu testemunhei como tais confrontações acontecem no aeroporto em Georgetown, Guiana. Quando o garimpeiro brasileiro Fábio foi revistado pela alfândega, acharam quatro gramas de ouro. Ele explicou que era para fazer um anel para a filha dele, mas isso não o ajudou. Para a alfândega, foi motivo para revisar tudo que ele carregava. Eles então acharam um recibo de venda de ouro e envio do dinheiro ao Brasil. Fábio foi avisado que teria que pagar US\$ 10.000 agora, como multa, uma vez que era ilegal vender ouro e fazer uma transferência para outro país. Este entendeu somente metade disso tudo, e estava com muito medo. Ele então ofereceu um suborno e assim resolveu a situação. Ele foi permitido a pegar seu avião e partir do país como planejado (entrevista realizada em 18 de março de 2005).

¹⁸ Pedro sugeriu ser intencional o fato de o governo surinamês não tomar medida nenhuma para facilitar a legalização dos garimpeiros, por querer manter sua imagem como um destino de floresta tropical não estragada para turismo. Além disso, se esses trabalhadores não forem legalizados, podem ser expulsos facilmente no futuro se houver motivos para assim o fazer.

eles mesmos podem sofrer punição. Como resultado, muitos brasileiros no Suriname vivem com medo constante da polícia e de serem deportados, e isso também os faz evitar contato com as autoridades. Porém, não obstante sua insegurança legal, uma falta de controle do estado, o “vácuo governamental” geral (Kruijt & Hoogbergen 2005:200), no Suriname, aparentemente torna bem possível brasileiros viver e trabalhar no país. “Você não tem documentos, mas também ninguém pede por documentos, então qual o problema?” disse o garimpeiro Álvaro¹⁹.

No início de 2005, brasileiros que chegaram ao aeroporto para viajar para o Brasil com um visto que tinha passado a data de validade, foram mandados de volta para o departamento de estrangeiros em Paramaribo para pagar uma multa e receber um carimbo no seu passaporte, declarando que não era permitido o retorno ao Suriname durante um ano (Vianen 2005a, b). Além disso, tiveram que ser vacinados. Em breve, as soluções desse obstáculo foram encontradas, e na agência que vendia passagens para o Brasil, garimpeiros foram avisados onde receber as vacinas com um certificado pré-datado, já que era exigido um período de dez dias entre as vacinas e a viagem, e também foram avisados para passar no departamento de estrangeiros antes. E o carimbo? Ao perder seu passaporte e comprar outro, esse problema também fica resolvido. Ou pode-se voltar atravessando o rio, sem mostrá-lo à polícia de migração. Sempre com a esperança de que talvez a próxima vez que a pessoa precisar sair do Suriname, o procedimento de legalizar todos os brasileiros já tenha sido colocado em prática.

¹⁹ Álvaro, 8 anos no Suriname. Entrevista realizada em 1 de abril de 2005.

Sorte e azar

Você tem que ter um pouco de sorte e ficar longe da polícia. Assim como tem que ter sorte no garimpo. Todo garimpeiro sonha em ficar rico de vez, a ter a grande sorte de ‘bamburrar’, e apenas trabalho duro talvez não seja o suficiente para alcançar essa meta²⁰. A crença de que um dia ele será o ‘sortudo’ fornece a energia para suportar a dificuldade. Entretanto garimpeiros se sacrificam muito, não só pelo trabalho ser tão exigente, mas também porque tiveram que deixar suas famílias. Algumas pessoas são muito corajosas, ou correm muitos riscos, são imprudentes, dependendo de seu ponto de vista. Assim é o caso de Élia, uma mulher de 31 anos, nascida no interior do Maranhão, que deixou os seus seis filhos como vários parentes e foi trabalhar no garimpo. Ela trabalhou durante dois anos e meio como cozinheira de uma equipe de trabalho, e usou o dinheiro que conseguiu poupar para comprar sua própria maquinaria de mineração. Há um ano ela estabeleceu seu próprio barranco, onde ela trabalha e mora atualmente com quatro mineradores e uma cozinheira. Ela achava que mais um ano daria dinheiro suficiente para ela voltar ao Brasil e reunir a sua família, construir uma casa, e começar um pequeno negócio para sustentar seus filhos²¹.

Alguns garimpeiros têm sorte. Mas apenas uma parte deles decide pegar seu dinheiro e voltar ao Brasil. Álvaro, agora com quarenta e poucos anos, já ficou rico várias vezes, mas com a mesma frequência, ele perdeu tudo que tinha. Ele saiu da casa dos seus pais no Maranhão quando tinha 17 anos, para ir para a Serra Pelada. “Todo dinheiro que

²⁰ Augusto, 9 anos no Suriname, gerente de uma compra de ouro. Entrevista realizada em 2 de abril de 2005.

²¹ Élia, garimpeira, quase 4 anos na Guiana. Entrevista realizada em 17 de março de 2005.

ganhei lá, gastei bebendo” disse ele. Depois de dois anos ele prosseguiu para Porto Velho, mais tarde Macapá, a Guiana Francesa, e o Suriname. Na Guiana Francesa ele tinha conseguido 300 gramas de ouro em seis meses, mas perdeu isso logo ao investir num negócio que não deu certo. Ele começou tudo de novo e essa história tornou-se repetitiva. Porém, ele agora está mais sábio e está se preparando para seu último empreendimento, investindo em maquinaria cara para expandir seu barranco, porque “desta vez vai dar certo.”²²

Álvaro nunca desistiu e nunca voltou ao Brasil com a intenção de ficar de vez. Muitos outros já voltaram para casa, mas depois de alguns meses, ou até anos, voltaram para o garimpo. Existem também inúmeras histórias de garimpeiros que depois de vários meses na floresta, iam para Paramaribo e gastavam todo seu dinheiro com mulheres e bebidas. Mas eles acreditam que sempre ganharão todo aquele dinheiro mais uma vez em breve²³. E são garimpeiros por vocação. Essas histórias dão a impressão de que engajar-se em mineração de ouro exige um certo tipo de personalidade, e muito otimismo. Mas, embora as histórias de vida dos garimpeiros pareçam semelhantes, todo relato pessoal revela elementos que ajudam a entender as suas percepções de risco, segurança, e previsibilidade. Aqui reside um campo interessante a ser pesquisado.

Tradições de migração sazonal

Uma resposta à pergunta sobre os motivos desses migrantes virem para o Suriname pode ser encontrada na história cultural dos brasileiros

²² Álvaro, garimpeiro, 8 anos no Suriname. Entrevista realizada em 1 de abril de 2005.

²³ Relato pelo marido de Nalda. Entrevista realizada em 21 de março de 2005.

no Suriname. Até agora muito pouco é conhecido sobre suas histórias. É provável que eles já migrassem dentro do Brasil, antes de se mudar para o Suriname, a Guiana Britânica ou a Guiana Francesa. Segundo várias pessoas, 95% das migrantes mulheres são de Belém no Pará, e 95% dos homens do São Luis no Maranhão, mas esses números não são baseados numa pesquisa sistemática. Outras fontes relatam que os brasileiros vêm principalmente do Amapá, onde eles já estavam engajados com ouro (Hoogbergen et al. 2001). O vice-cônsul Bona estimou em 2004 que 90% dos migrantes brasileiros vêm do norte do Brasil, e 70% desses do interior do Maranhão, onde a pobreza é mais severa²⁴, e isso é geralmente aceito pelos brasileiros também.

A respeito dos garimpeiros no Brasil, pesquisas mostraram que para muitos a mineração de ouro é uma atividade intermitente, normalmente sazonal (Slater 1994:720). No sul do Pará, trabalhadores rurais incluem ir ao garimpo na “lógica cíclica” do seu trabalho (Schonenberg 2001:399). Isso também foi relatado por (MacMillan 1995:73), que mostra que mineradores não são necessariamente camponeses sem terra como é frequentemente pensado, e que para muitos pequenos proprietários mineração oferece uma fonte adicional de renda. No nordeste do Brasil, migração também faz parte da estratégia de sobrevivência dos camponeses. Menezes mostra que migração de curto prazo é um fenômeno com uma longa história no nordeste brasileiro (Menezes 2004). Um ou mais dos membros de uma família partem para trabalhar em outro lugar, e enviam dinheiro para aqueles que ficaram. Os garimpeiros, Fábio, por exemplo, e migrantes em Paramaribo, como Andreia e Marina, decidiram trabalhar no Suriname para sustentar as suas famílias no Brasil. Mas não é apenas o dinheiro que os atrai, a aventura também é um fator importante.

²⁴ Fábio, entrevista realizada em 18 de março de 2005.

Parte do apelo de trabalhar no garimpo, é que é uma atividade emocionante, certamente menos tedioso que trabalhar na agricultura. “Sabe, lá nos trabalhamos na roça e é muito chato trabalhar na roça”, disse Fábio²⁵. Falando em aventura: No aeroporto em Belém, conheci uma brasileira a caminho de Paramaribo pela primeira vez. Nosso vôo atrasou então tivemos bastante tempo para conversar. Marciana tinha um pouco mais de cinqüenta anos, embora parecesse um pouco mais nova, e tinha decidido que queria mudar de vida. Três meses antes de nosso encontro, ela tinha conhecido uma mulher na sua cidade natal no Maranhão, “que falou que podia ganhar dinheiro no Suriname.” Apesar de não ter mais contato com essa pessoa, ela decidiu correr o risco, e quando a conheci estava a caminho do Suriname, sem saber se acharia um emprego, se ficaria na capital ou iria para a floresta tropical para trabalhar com os garimpeiros. Ela não tinha a menor noção dos procedimentos de imigração, ou de como preencher o formulário de imigração que ela recebeu no avião. Marciana não é uma exceção, vários outros também estavam indo para Paramaribo com nada além de algumas idéias vagas do que achariam lá, e talvez um número de telefone de um conhecido. Com sorte, eles conhecerão um migrante mais experiente no aeroporto que os ajudará a preencher os formulários, que possa indicar um hotel em Paramaribo onde ficar, e talvez possa ajudá-los a achar um emprego.

Conclusão: reflexões sobre a prosperidade de insegurança

A ‘lente de Segurança Humana’ contribuiu para nossa compreensão dos motivos dos brasileiros para ir para o Suriname, e das escolhas que fazem uma vez vivendo no país, seja trabalhando na floresta ou em

²⁵ Entrevista realizada em 18 de março de 2005.

Paramaribo? No primeiro artigo que escrevi sobre os brasileiros no Suriname (Theije 2006) concentrei-me na formação de comunidade e no papel de vários atores nesse processo. Não questionei o conceito de comunidade, tomando como um fato óbvio a existência de algo como “uma comunidade em desenvolvimento” em Paramaribo e no Suriname, encontrei confirmação disso no Belenzinho e nas atividades nas quais os brasileiros se engajam juntos, como um grupo coletivo. Descobri que vários obstáculos nesse processo de formação – entre os quais identifiquei como sendo importantes o idioma e a falta de estabilidade devida em parte à sua situação ilegal – não impediram os brasileiros de formar uma comunidade. Uma comunidade transnacional, que

[...] assemelhe-se em muitas formas com as comunidades que deixaram, também é diferente por causa do contexto surinamês e a composição específica da população migrante brasileira, ou seja, um número grande de pessoas solteiras. Na maioria dos casos, as suas famílias vivem nos dois lados da fronteira e a relação é mantida por telefonemas e remessas. Televisão via satélite torna possível que eles fiquem informados sobre notícias brasileiras, e que compartilhem com aqueles ainda no Brasil as últimas intrigas das novelas e do programa popular “Big Brother Brasil”. (Theije 2006:132).

A lente nova criou o desafio de explorar mais profundamente os motivos dos garimpeiros e outros migrantes, e de “perguntar por maneiras pelas quais pessoas [...] se esforçam para conseguir segurança, e ao mesmo tempo identificar os fatores que os tornam inseguros [...]” (Eriksen 2005:3) no caso dos migrantes brasileiros no Suriname, mostrou como questões de segurança, risco, certeza, estão no centro de suas vidas. A questão chamou atenção para os motivos dos indivíduos e para os pretextos de seu comportamento, algo que deixei de ver ao procurar a

formação coletiva de comunidade. O que podemos dizer agora sobre a maneira em que os brasileiros em Suriname constroem suas vidas?

Com certeza as vidas dos migrantes, especialmente a mão-de-obra que trabalha no garimpo, são severas, com riscos sérios para a saúde, e cheias de incertezas, inclusive aquela de estar sem uma posição legal regular no Suriname. Mas na maneira em que estas pessoas constroem suas vidas, estas inseguranças parecem estar compensadas na busca de uma outra segurança, podendo ser com mais riquezas, ou mais chance a bamburrar, ou talvez mais liberdade. Sempre há um outro lado: segurança, por um lado, pode significar riscos em outras situações. Por exemplo, estar irregular é tão importante quanto tendemos pensar? Essas pessoas estão acostumadas com incertezas quanto à sua renda, e condições de vida inseguras. Ilegalidade faz parte. Você só tem que assegurar que encontre uma maneira de lidar com isso. O mesmo vale para riscos de saúde que correm, ou a incerteza de talvez não ter dinheiro amanhã. Se aceitarmos a possibilidade de que esses migrantes, ou uma parte desses migrantes, não se importam se têm documentos ou não, ou se têm acesso a um sistema de seguridade social, ou se têm o direito de votar num presidente novo no Brasil, ou se amanhã terão dinheiro o suficiente para poder comprar uma boa refeição, então a próxima pergunta que temos que colocar é se essas pessoas **procuram** segurança, previsibilidade, e se for assim, se procuram isso numa comunidade. Nas entrevistas alguns deles expressaram um desejo por uma vida quieta e estabelecida em Paramaribo, sem os transtornos de ir e vir para o Brasil o tempo todo, e sem a violência do Brasil, mas muitas pessoas nem mencionaram algo assim. Ao contrário, os garimpeiros parecem estar muito afeiçoados ao seu estilo de vida, que é pessoal, mas, é claro, também vivenciado em grupo.

Aqui entra a próxima suposição que pode ser problemática. O conceito de comunidade como o conhecemos, é o rótulo correto para a

cultura, o estilo de vida comum que eles constroem e vivenciam? Em outras palavras, a cultura coletiva e compartilhada desses migrantes brasileiros é forte e completa o suficiente para chamá-la de uma comunidade? Porque comunidade sugere algo completo, abrangente, totalizador, e isso é difícil de ser encontrado entre essas pessoas. A 'comunidade' construída até agora em Paramaribo, é principalmente baseada nos aspectos comerciais e numa ligação compartilhada com o Brasil e com ser brasileiro, e não numa ação ou organização em comum, nem uma organização religiosa. O foco em insegurança chamou a atenção para elementos que constituem a comunidade 'leviana' dos brasileiros no Suriname. Entre os brasileiros no Suriname, insegurança faz parte da sua existência, e em consequência também parte da comunidade que constroem. Essa comunidade não é aquele lugar protetor e seguro para se esconder como os antropólogos normalmente a identificam.

Bibliografia

- ALGEMEEN BUREAU VOOR DE STATISTIEK (ABS). 2006. *Landelijke Resultaten, vol. 1: Demografische En Sociale Karakteristieken*. Paramaribo: Algemeen Bureau voor de Statistiek Suriname.
- ANTHROPOLOGY, DEPARTMENT OF SOCIAL AND CULTURAL. 2003. *Constructing Human Security in a Globalizing World*. Amsterdam: VU University Amsterdam.
- AROUCK, Ronaldo. 2000. "Brasileiros na Guiana Francesa: novas migrações internacionais ou exportação de tensões sociais na Amazônia?". *Lusotopie* 2000:67-78.
- CLEARY, David. 1990. *Anatomy of the Amazon Gold Rush*. Iowa City: University of Iowa Press.

- DE RANDAMIE, Nancy. 2005. "Braziliaanse Ambassadeur Neemt Afscheid Van Geliefd Suriname". *De Ware Tijd*, 30/06/2005.
- DEGENOVA, Nicholas P. 2002. "Migrant 'Illegality' and Deportability in Everyday Life." *Annual Review of Anthropology*, 31:419-47.
- ERIKSEN, Thomas Hylland. 2005. *Risking Security: Paradoxes of Social Cohesion*. Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam.
- HEEMSKERK, Marieke. 2001. "Do International Commodity Prices Drive Natural Resource Booms? An Empirical Analysis of Small-Scale Gold Mining in Suriname." *Ecological Economics*, 39(2):295-308.
- _____. 2002. "Livelihood Decision Making and Environmental Degradation: Small-Scale Gold Mining in the Suriname Amazon". *Society & Natural Resources*, 15(4):327-44.
- _____. 2003. "Risk Attitudes and Mitigation among Gold Miners and Others in the Suriname Rainforest". *Natural Resources Forum*, 27(4):267-78.
- HOOGBERGEN, Wim & KRUIJT, Dirk. 2004. "Gold, *Garimpeiros* and Maroons: Brazilian Migrants and Ethnic Relationships in Post-War Suriname". *Caribbean Studies*, 32(2):3-44.
- HOOGBERGEN, Wim; KRUIJT, Dirk; POLIMÉ, Thomas. 2001. "Goud En Brazilianen". *Oso, Tijdschrift voor Surinaamse Taalkunde, Letterkunde, Cultuur en Geschiedenis*, 20(1):109-27.
- KRUIJT, Dirk & HOOGBERGEN, Wim. 2005. "Peaceful Relations in a Stateless Region: The Post-War Maroni River Borders in the Guianas." *Tijdschrift voor Economische en Sociale Geografie*, 96(2):199-208.
- MACMILLAN, Gordon. 1995. *At the End of the Rainbow? Gold, Land and People in the Brazilian Amazon*. London: Earthscan.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. 2004. "Migration Patterns of Paraiba Peasants." *Latin American Perspectives*, 31(2):112-34.
- MOL, Jan H. et al. 2001. "Mercury Contamination in Freshwater, Estuarine, and Marine Fishes in Relation to Small-Scale Gold Mining in Suriname, South America". *Environmental Research*, 86(2):183-97.
- ROOPNARINE, Lomarsh. 2002. "Wounding Guyana: Gold Mining and Environmental Degradation". *European Review of Latin American and Caribbean Studies*, 73:83-91.

- SCHMINK, Marianne & WOOD, Charles H. 1992. *Contested Frontiers in Amazonia*. New York: Columbia University Press.
- SCHÖNENBERG, Regine. 2001. "New Criminal Domains in the Brazilian Amazon". *International Social Science Journal*, 53(169):397-406.
- SECURITY, COMMISSION ON HUMAN. 2003. *Final Report of the Commission on Human Security*. New York: United Nations.
- SIMONIAN, Ligia & FERREIRA, Rubens da Silva. 2006. "Brazilian Migrant Workers in French Guyana." In GOWRICHARN, Ruben (ed.): *Caribbean Transnationalism: Migration, Socialization, and Social Cohesion*, pp. 99-116. Oxford: Lexington Books.
- SLATER, Candace. 1994. "All That Glitters: Contemporary Amazonian Gold Miners Tales". *Comparative Studies in Society and History*, 36(4):720-42.
- THEIJE, Marjo de. 2006. "Transnationalism in Surinam: Brazilian Migrants in Paramaribo". In GOWRICHARN, Ruben (ed.): *Caribbean Transnationalism: Migration, Socialization, and Social Cohesion*, pp. 117-135. Oxford: Lexington Books.
- VEIGA, Marcello M. 1997. *Introducing New Technologies for Abatement of Global Mercury Pollution Deriving from Artisanal Gold Mining* Rio de Janeiro: UNIDO/UBC/CETEM/CNPq.
- VIANEN, Signa. 2005a. "Braziliaanse Ambassadeur Niet 'Content' over Registratie Illegalen". *De Ware Tijd*, 27/01/2005.
- _____. 2005b. "Vreemdelingendienst Ontkent Uitzetting Zieke, Arme Brazilianen". *De Ware Tijd*, 24/01/2005.

Recebido em maio de 2006

Aprovado para publicação em setembro de 2006

